
A PROBLEMÁTICA DA MULHER EM *CACAU* E O CONTEXTO FEMININO HOJE

Women's issues in *Cacau* and the female context today

Eliana Marques Andrade dos Santos¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir, através de alguns pressupostos teóricos, a situação das mulheres em *Cacau* de Jorge Amado: dificuldades, preconceitos, sonhos. Tem por objetivo também comparar com a realidade feminina na sociedade atual, verificando as mudanças e o que permanece igual. Iniciamos com a mulher na linha do tempo, posteriormente sua busca ao fortalecimento da essência feminina na sociedade e o conhecimento dos aspectos históricos que permearam a evolução. Finalizamos com uma análise das mudanças que ocorreram e o que ainda necessita mudar, chamando a atenção para o importante papel da mulher e a sua dignidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; *Cacau*; sociedade; mudanças

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss the situation of women in *Cacau* by Jorge Amado: difficulties, prejudice, dreams. It aims also to compare with the reality of women in society today, checking out the changes and what stays the same. We start with woman in timeline, then her search to strengthen the essence of women in society and the knowledge of the historical developments that permeated evolution. We conclude with an analysis of the changes that have occurred and what still needs to change, drawing attention to the important role of women and their dignity.

KEYWORDS: Women; *Cacau*; society; changes

INTRODUÇÃO

Analisar a representação do universo feminino, os avanços e retrocessos que ocorreram, tomando por base uma obra literária, constitui-se grande desafio. A representação do feminino é regida por convenções que enfrentam transformações no decorrer do tempo. Sendo assim, a criação desse tipo de personagem por um autor em muito será influenciada, ou até

¹ Especialista pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

mesmo derivará, do conceito de feminilidade professado pela sociedade na qual está inserido.

Os romances de Jorge Amado, no nosso caso em específico *Cacau*, trazem mulheres com as mais variadas características, semelhanças e diferenças. E é neste universo do ciclo do cacau que pretendo analisar as relações sociais, principalmente a situação vivenciada pelas mulheres.

Cacau é o segundo romance de Jorge Amado. É o primeiro do “ciclo do cacau”. Foi concluído em junho de 1933. É uma narrativa das aventuras de José Cordeiro — o Sergipano — trabalhador numa fazenda, onde divide um casebre com alguns companheiros de labuta e sofrimento. De leitura rápida, busca provocar um questionamento acerca da condição humana dos trabalhadores das fazendas de cacau, fazendo uma ponte com as relações de trabalho e economia no cenário brasileiro da década de 30. Para alguns estudiosos, *Cacau* é um romance-reportagem com traço socialista e alcança uma profundidade que consegue chocar devido à linguagem, ao tema e ao tom em que se desenrola a trama.

Desenvolve-se ainda, nesse cenário, um universo feminino marcado por mulheres diferentes, mas ao mesmo tempo iguais. Diferentes na questão social, entretanto iguais nas angústias e anseios. É o universo das tias Santas, Elzas, Margaridas, Magnólias, Zefas, Zildas, Antonietas, Rosálias, Ritas, Júlias, Amélias, Arlindas...

MERGULHANDO NA LINHA DO TEMPO: BREVE HISTÓRICO SOBRE A MULHER

Examinando a história da humanidade, podemos perceber que a mulher sempre teve um papel de submissão e de inferioridade em relação ao homem. A posição social feminina ficou relegada ao segundo plano. A imagem associada às mulheres é de fragilidade, principalmente na Antiguidade, Idade Média e Moderna.

No período Pré-histórico, as mulheres eram sagradas: todos os deuses eram femininos. Os homens não sabiam como as mulheres engravidavam, e por isso, acreditavam que elas recebiam a mensagem de uma nova vida por divindades em seus corpos. Na Idade Antiga, as mulheres eram consideradas inferiores. Na Idade Média, eram classificadas como bruxas e queimadas em fogueiras; outras, “destinadas” à vida de prostituição. Viviam sob o rótulo de “ser acidental”, sem domínio sobre o próprio destino e, portanto, obrigadas a viverem em função do homem (pai, marido, irmão,

tio). Na Idade Moderna a mulher passa a ser pressionada por uma extenuante jornada dupla — família e trabalho.

Ao longo da história, sempre existiram mulheres inconformadas com a sua condição e decididas a se rebelarem contra as duras e desumanas imposições impostas à mulher pela sociedade. Muitas dessas mulheres colocaram suas vidas em risco e inúmeras outras morreram por essa causa. No Brasil, a luta das mulheres ocorre desde o período colonial. As mulheres contribuíram na sociedade, no transcorrer dessa história, direta e indiretamente.

A condição vexatória vivenciada pelas mulheres independia da classe social. Os maus tratos, a repressão, as oportunidades limitadas tanto atingiam as ricas como as pobres. A mulher era, em geral, mantida longe do mercado de trabalho, os homens ocupavam os melhores postos e as que conseguiam ultrapassar as barreiras eram rebaixadas ao estado de subserviência masculina. E, para tornar ainda mais complicada a situação feminina, na visão de muitos teóricos, o trabalho da mulher fora do lar poria fim à família.

O cenário trabalhista brasileiro começou a sofrer algumas mudanças entre 1870 e 1920, com a presença feminina nas fábricas em proporções crescentes, chegando ao ponto de haver mais mulheres do que homens nestes postos de trabalho. A justificativa era o fato de ser uma mão-de-obra a custo bem inferior ao masculino.

A face injusta dessa inserção, além dos baixos salários, foi a desumana jornada de trabalho imposta à mulher, que podia chegar a 18 horas diárias. Desfazendo a errada imagem de permanente resignação, as mulheres uniram-se, fazendo surgir movimentos contra a estrutura que as oprimia, bem como os modelos de comportamento que a sociedade lhes impunha, além de outras reivindicações.

No Brasil, desde 1940 foram criadas organizações, em diversas regiões do país, que lutavam pela igualdade entre homens e mulheres. Mas a busca por ampliar espaços de atuação, conquista de direitos e visibilidade social da mulher acontece desde o surgimento do feminismo, a partir do século XIX.

Enquanto movimento social, o feminismo surge no contexto das ideias iluministas e no bojo das transformações da Revolução Francesa e Americana. A priori, contou com a atuação das mulheres em vários países da Europa, nos Estados Unidos e em seguida, alcançou alguns países da América Latina: Chile, Argentina, México, Peru, Costa Rica e Brasil.

Com o surgimento do movimento feminista e a meta de alcançar igualdade e a proteção legal das mulheres, torna-se possível a busca por ser percebida socialmente, situação ainda pouco conhecida pelas mulheres.

Somente a partir da década de setenta, com o fortalecimento dos movimentos feministas por todo o mundo, que se buscou percorrer o histórico feminino. Diante desse aspecto novo, percebeu-se que a visão sobre a mulher ocupa dois extremos: 1. Submissa, mãe, esposa e filha. Aquela que não se indispõe, mas obedece. 2. Ao mesmo tempo capaz de lutar para alcançar seus objetivos, ousada, disposta a desafiar a ordem estabelecida dentro da sociedade patriarcal:

Assim, a grande maioria de escritores, na ascensão da burguesia, era homens que se distribuíram entre poetas, romancistas e dramaturgos. Além de idealizar um perfil de mulher, completamente diverso da mulher “real”, eles passaram o modelo para a mulher burguesa, de três tipos de comportamento: a mulher-anjo, a mulher-sedução — estas duas aceitas pela sociedade — e a terceira, a excluída a mulher-demônio, a mulher tentação, precisamente a prostituta. (ALVES, 2005, p.124)

Personagens femininas na literatura contribuíram muito para romper as barreiras, quebrar tabus e representar o universo mais próximo do ideal para a mulher. Contudo, verificamos que há contradições quando colocam a mulher livre das antigas amarras, mas acabam recaindo no discurso de que é na figura masculina que encontra um norte e a segurança. Exemplo disso: Catarina, de *A megera domada*, e Aurélia, de *Senhora*.

A grande transformação ocorreu com as I e II Guerras Mundiais. Com os maridos fora das frentes de trabalho, percebeu-se que a mão-de-obra feminina era o único caminho para o sustento da casa e da própria economia.

O reconhecimento dos direitos femininos aconteceu pouco tempo depois, a exemplo do direito ao voto, direito de cuidar do próprio corpo, direito de acesso à pílula anticoncepcional e direito à educação.

COMO É (RE)TRATADA A MULHER NO LIVRO *CACAU*

Utilizando-se de técnicas realistas, no sentido de apresentar a visão crítica dando destaque aos conflitos sociais, Jorge Amado, no romance *Cacau*, toma por base o aspecto regional, particularmente a área cacauceira do sul baiano, onde a economia fundamenta-se no latifúndio, criando episódios em que se percebem desajustes humanos e sociais profundos. O escritor retrata os contrastes e dramas vivenciados nas lavouras de cacau, produzidos pela monocultura com suas instabilidades econômicas e exploração agrícola, num período em que o país está em fase de mudança da sociedade agrária para a industrial.

Podemos perceber que, seja na terra conquistada e explorada por quem a conquistou, seja em indústrias que estão começando o processo de crescimento, entre os trabalhadores, estão as trabalhadoras.

Num país em desenvolvimento, é notada a evolução do trabalho feminino, onde antes se resumia a vida familiar. As indústrias têxteis abarcavam um número cada vez mais crescente de mulheres. E isso é muito bem exemplificado no romance com a passagem: “Setecentos operários, dos quais quinhentas e tantas mulheres. Os homens emigravam, dizendo que ‘trabalhar em fição só para mulher’” (AMADO, 1981, p.19).

Muito embora a posição econômica da mulher estivesse sendo ampliada, no que se refere à sua condição social não ocorreram muitas mudanças. Isso pode ser verificado no tratamento efetuado — que a deixava exposta a abusos e exploração sexual: “Meu tio deflorara uma operária e fora viver com ela publicamente” (AMADO, 1981, p.17). “Meu tio andava também de olho na Margarida... Um dia me contou que o patrão andava a apalpá-la” (AMADO, 1981, p.22).

Encontramos também a figura da mulher pura, cujos componentes da família procuram preservá-la do mundo agitado, mantendo-a dentro do lar; sua fragilidade é levada ao extremo, ao ponto de até gerar uma espécie de adoração. A mulher com estas características é muito bem representada dentre outras, no romance *Cacau*, pela mãe do sergipano:

Depois que ele morreu, mamãe passou um ano e meio alucinada, jogada para um canto, sem ligar às roupas, fumando e chorando. Tinha ataques por vezes horríveis. E enchia de gritos dolorosos as noites calmas do meu Sergipe. Com sua magreza pálida de macerada, ela parecia uma eterna convalescente. Papai beijava as suas mãos finas, devagar, muito leve, com medo talvez que aquelas mãos partissem. E

ficavam horas perdidas em longo silêncio de namorados que se compreendem e se bastam. (AMADO, 1981, p.15-16)

Toda esta fragilidade resulta em uma dependência do marido. Sendo tão extrema, encaminha a mulher, que se vê sem a presença masculina, a conceber a ideia de não ter condições de dar continuidade à educação dos filhos e até porque não dizer, de viver.

Quanto às situações de infidelidade, aparentemente, eram vistas com indiferença pela mulher que, acima de tudo, procura zelar por sua família, recorrendo a todos os meios possíveis com o fim de preservar o mundo do qual faz parte e que pode ver desmoronar diante da traição do marido; um pecado perdoável para a sociedade, mas mortal para a esposa.

Tia Santa exemplifica bem o sofrimento produzido pela traição: “Morreu e a doença foi o marido” (AMADO, 1981, p.17). O desgosto dela não seria, mesmo diante da imagem feminina de um ser sofredor, “resignado”, traços de um inconformismo contra o sistema familiar patriarcal? Não seria a personagem uma figura representativa, utilizada pelo escritor Jorge Amado para demonstrar os indícios de que a situação da mulher não era mais a mesma? A morte não seria uma forma de protesto, visto que, neste período, o Brasil começava a abrir-se à presença da mulher no contexto social, citando o fato de conceder-se, nesse momento, o direito de voto feminino, garantido na Constituição promulgada em mil novecentos e trinta e quatro?

A condição de subjugação é lastimável pelo tratamento que muitas vezes é pior quando se trata de uma mulher negra. Se no passado enfrentava problemas de humilhação e impossibilidade de transformação como pessoas e socialmente ocupando a posição de escrava, com a chegada da modernidade as condições não foram muito diferenciadas. Se antes ela era obrigada a realizar funções tidas como humilhantes, que não caberiam, portanto, a mulher branca, na época moderna, negras e mestiças permanecem ocupando a pior posição dentro da nossa organização social. Socialmente, só restava às negras e mestiças a opção de trabalhar nas fábricas; em alguns raros casos, casar-se; ter outros filhos sem pai e mandá-los para o orfanato de onde muitas vieram; restringirem-se à pobreza, à falta de instrução; conformarem-se com o preconceito racial.

Dessa forma, o trabalho na indústria obedece a um ciclo que se resume em passar a atividade operária de mãe para filhas. Sendo assim, ao

nascimento de uma mulher, comemorava-se, pois significaria mais mão-de-obra já que os filhos iriam em busca de novos horizontes.

Quanto às mulheres de classe alta, o contexto era um pouco diferente das de classe baixa. Às filhas de homens ricos permitia-se estudar em colégios de freiras. Ao completarem os estudos, já estavam preparadas para o casamento. O noivo, para consolidar a riqueza e posição da família, normalmente é formado em Direito e pertence à mesma classe social; o que importava no pretendente era a posição social e o poder financeiro.

Dentro do quadro social da civilização do cacau, a condição da mulher de baixa renda só lhe permite duas direções: o casamento ou a prostituição. Ambas são encaradas com resignação e naturalidade.

Exemplificando a afirmação acima, podemos citar o relato feito pelo cearense, no capítulo “Segunda Classe”, sobre a vida das pessoas no Ceará, e o rumo tomado pela filha que se tornou prostituta após a morte da esposa dele. O personagem encara a situação com conformidade ao afirmar: “Minha muié morreu pelo caminho e minha fia ficou na rua dos ‘Sete pecados Mortais’ [...]. Dizia tudo aquilo estoicamente, resignado, achando quase que natural” (AMADO, 1981, p.38).

No aspecto de idealização da mulher perfeita, essa tinha por características a maternidade, a docilidade e o gosto pelo trabalho. Os homens tolhem a liberdade da mulher e agem como se a mesma fosse um objeto: “O velho fitava a mulher com os olhinhos maus” (AMADO, 1981, p.33).

No episódio relatado ainda no capítulo “Segunda Classe”, um senhor conta aos passageiros do trem o crime que ocorreu em Itabuna, quando o pai mata a filha e o genro e afirma que o casamento civil era apenas um contrato. Tal fato serve-nos como exemplificação do poder repressor exercido pela religião, ainda nos moldes do período colonial. Esta pretensão tinha por objetivo a preservação da ordem e a inferioridade da mulher diante do homem; seu papel secundário, de servidão. Por tudo isso, como uma forma de manter o poder da igreja sobre as pessoas, criou-se o conceito de que o casamento civil não tinha valor, era apenas um contrato sem a bênção de Deus e da igreja, um pecado:

Casaram-se no civil, mas quando foram pra igreja seu vigário não tava. Voltaram pra roça, Miguel muito aborrecido, dizendo que sua fia tava somente *contratada*. E não deixou que ela

fosse pra casa do marido. Coisas que os padres meteu na cabeça dele. (AMADO, 1981, p.35)

Mesmo com a credence de só dar valor ao casamento quando os padres abençoavam, para algumas pessoas das classes mais baixas a base para o relacionamento era o concubinato. Tomemos dois exemplos relatados no romance. O primeiro refere-se à filha do alugado João Amaro, que após a morte do pai foi morar com Simeão sem casar-se na igreja ou no civil. O segundo refere-se à união dos trabalhadores com as mulheres de Pirangi: “A velha e duas das filhas caíram na vida. A outra foi morar com Simeão sem bênçãos desnecessárias de juiz e padre” (AMADO, 1981, p.71). “Alguns casavam no religioso, outros se amigavam, o que era muito mais comum” (AMADO, 1981, p.46).

A outra face do padrão de moralidade está relacionada à honra. A mulher é respeitada levando-se em consideração a família da qual faz parte e a posição social na qual está inserida. Um erro cometido pela mulher pode fazer desmoronar toda estrutura familiar. A personagem Magnólia, por exemplo, uma alugada da fazenda, embora fosse muito admirada pelos trabalhadores devido à beleza, não como a figura de um romance, está situada no contexto da qual faz parte — mantém-se no mesmo nível dos outros quanto ao linguajar — conseguia fazer-se respeitar por todos. Todavia, o equilíbrio foi desfeito com o relacionamento ocorrido entre Magnólia e Osório, o filho do coronel, resultando na queda da honra familiar e o desprezo por parte dos que a estimavam e admiravam e até, ou principalmente, da família. Restou-lhe apenas a prostituição.

Outro contraste provocado pelas diferenças sociais mostra, de um lado, as roceiras que nas festas viam a oportunidade de sonhar com uma vida diferente; procuravam imitar as senhoras da alta sociedade. Por outro lado, as mulheres da alta sociedade podiam buscar os moldes europeus no traje e até no agir. Esta mulher com características europeias tinha a capacidade de fascinar os homens, ao contrário das mulheres locais. As diferenças estendem-se à forma de orar. Observa-se um tom preconceituoso e de inferiorização; as de alta renda são consideradas melhores e mais capazes:

As mulheres dos trabalhadores rezavam também, orações esquisitas. Benziavam-se atrapalhadas. As ricas rezavam com os vestidos decotados, as peles, meu Deus, alvíssimas, parecendo aquelas frutas europeias. E as donas. Alvas como caroco de

cacau logo que sai do coco, entregues por inteiro à devoção, deixaram que a gente visse encantos raros que enchiam os nossos sonos maus nas noites solitárias da fazenda... deslumbrando os nossos olhos virgens de carne de mulheres bonitas. (AMADO, 1981, p.80-81)

A sensualidade, elemento que compõe a mulher, está no andar, no vestir, mas não deve ser vista como provocada e sim natural e, por que não dizer, inocente, mas forte o suficiente para despertar o desejo nos homens. Essa mesma inocência está estabelecida no sonho e no amor: no sonho de casar-se, seguindo os padrões, com o filho do coronel, trazendo a esperança de quebrar barreiras criadas pelo preconceito social e racial, ao mesmo tempo mudar o destino de sua vida.

Zilda e Magnólia muito bem exemplificam ambas as ilustrações. A primeira, mesmo sofrendo abuso sexual aos dez anos, nutre um amor e atração pelo filho do coronel e, ao ver-se rejeitada por ele, comete suicídio, talvez por ver findar os seus sonhos de mudar de vida. A segunda sente-se lisonjeada com os galanteios do futuro advogado, ao mesmo tempo em que demonstra timidez ao ouvir as observações de Osório:

Quando ela soube que o futuro doutor vinha passar o São João na roça, comprou um vestido novo com suas economias e uma caixa de ruge... Ele passou sem ligar para ela... no outro dia Zilda bebeu veneno. (AMADO, 1981, p.64)

O filho do patrão arrasta asa à Magnólia. E o pior de tudo é que Magnólia aderiu à história, muito honrada talvez com aquela preferência do futuro doutor. (AMADO, 1981, p.112).

[...] e Magnólia fitava o chão e amassava a ponta do vestido. Suspende o vestido até o meio das coxas. Osório disse qualquer coisa que a fez chorar e baixar o vestido. (AMADO, 1981, p.111-116)

Acabando o sonho de casar-se com um homem rico, recusadas por seus familiares, a única opção para as mulheres era a prostituição, embora não fosse a escolha destas. No romance, os fatos sobre este fim trágico são envoltos em um clima de pequena e distante esperança.

As mulheres da Rua da Lama, mesmo atacadas pela sociedade (representante da tradição) e pela igreja (mantenedora da tradição), buscam na religião — em Deus — uma força para suportar a vida, que ora maldizem, ora agradecem. A dúvida que pairava e possivelmente não será desfeita é: será que por trás daquelas “operárias” do sexo não se escondem mães e trabalhadoras; fontes de amor, carinho e compreensão? Essas mulheres que, embora tenham vida física, em sua maioria estão mortas em seus sentimentos; carregam marcas que nunca serão removidas, marcas da desilusão.

O outro aspecto cruel é o de Antonieta. Uma personagem que vive duas situações bem adversas. Pertence a uma família boa, por isso não pode revelar a sua realidade. Abandonada pelo marido, certamente tentou lutar, todavia encontra-se sozinha e desamparada pela sociedade preconceituosa, machista e tradicional. Sua preocupação reside em manter a família longe do contexto na qual foi inserida. Não acredita conseguir ressurgir ante a sociedade, composta por indivíduos que veem na morte de uma prostituta o resultado de pecado. O sofrimento traz sérias consequências como o envelhecimento precoce, igualando uma jovem de dezoito anos a uma mulher de cinquenta.

O escritor Jorge Amado deixa registrado o desejo de mudança, um fio de esperança, de forma que tudo venha a ser invertido e a dignidade faça levantar mulheres transformadoras:

Quando chegará o dia da vossa libertação? Quantos mananciais de carinhos perdidos, quantas boas mães e boas trabalhadoras. Eu fico pensando no dia que a Rua da Lama se levantar, despedaçar as imagens dos santos, tomar conta das cozinhas ricas. Nesse dia até filhos elas poderão ter. (AMADO, 1981, p.65)

Por ser um romancista seguidor da linha moderna e influenciado pelos fatos históricos ocorridos em 1922, nos permite observar o grande sentido político nos seus textos. *Cacau* apresenta em todas as esferas a situação do povo e a atividade revolucionária como solução.

Quanto às mulheres não é diferente. Após descrever a situação desfavorecida na qual vivem, não somente as trabalhadoras de cacau mas também representantes de outras camadas sociais (filhas de coronéis,

professoras), apresenta duas personagens trazendo em si prenúncios de mudança: Mária e Amélia.

Amélia, numa análise superficial, figuraria mais uma mulher explorada, resignada e conformada. Um dia, revolta-se e mostra-se disposta a modificar sua vida. A começar, adentra em um sistema, se bem explorado, capaz de fornecer recursos para a ascensão social — o sistema escolar. Certamente, um fator fundamental inexistente na vida das outras mulheres: o direito de planejar e um dia ver o resultado.

Mária ocupa posição mais privilegiada diante de Amélia. Ser filha de coronel é um ponto facilitador na sua busca por metamorfose. Ocupa posição social ao ponto de lhe assegurar o direito de escolher os trabalhadores que ficarão à disposição da família. Um contexto visto como rara exceção, porque as filhas de fazendeiros, em geral, são apenas moças rotuladas de sem capacidade para análise.

Era comum na sociedade dessa época oferecer educação clássica às mulheres: música, leitura de romances e educação preparatória para o casamento com rapazes formados em faculdade.

Em suma, a educação das mulheres ocorria em poucos anos e sem profundidade.

Grosso modo, Mária assemelha-se às demais mulheres da elite: orgulhosa, fútil e petulante. Durante a convivência com o sergipano, irrompe outro lado desconhecido. Ela demonstra o desejo de transpor-se a um mundo diferente do seu dia a dia; demonstra conhecimento. Encontramos também sinais de contradição à ordem estabelecida. Uma mulher mais culta que um homem:

— ...Você sabe ler?

— Sei.

— E escrever?

— Também.

— É raro... Em geral vocês são uns ignorantões. (AMADO, 1981, p.91)

Outra situação que chama a atenção é a de senhorio da mulher para com o homem e este realizando a função tradicionalmente feminina — fazer a lista das roupas sujas e levá-las para a lavanderia. O poder de decisão sobre o destino do empregado simboliza uma ironia, ainda mais este sendo branco:

Sou obrigada a lhe fazer voltar amanhã para o trabalho na roça. Prefiro o Honório, que olha para a gente com aquela cara de assassino, mas não fala. Escolhi você porque tive pena. Você é branco e moço. (AMADO, 1981, p.93)

A mulher descrita por Jorge Amado, mesmo diante disso, não perde suas características, não tem o desejo de ser superior ao homem; quer apenas ter os mesmos direitos, ser respeitada como ser humano. Um bom exemplo é no momento em que Mária recebe o reconhecimento de importante poetisa por um jornal de Ilhéus que pede contribuição dela, escrevendo matérias para o anuário.

A vontade de Mária relacionar-se com o sergipano também é uma quebra do tradicionalismo na medida em que, normalmente, as famílias tradicionais primavam por unir seus filhos a pessoas da mesma classe social, não importando existir ou não amor entre o casal e o homem ser um boêmio que concluiu a faculdade apenas para satisfazer a vontade dos pais e prestar contas à sociedade.

Mulheres decididas conseguem assegurar um prestígio social melhor do que aquelas resignadas. A resignação talvez se justifique através das escolhas severamente limitadas, sem dispor de meios para preparar-se e participar da sociedade competitivamente.

QUEM É ESSA MULHER NOS NOSSOS DIAS?

A mulher tem seu papel importante na sociedade e, analisando as ricas contribuições de cada uma das personagens femininas em *Cacau*, é fácil ver quem ela é na atualidade e, se sua condição mudou.

De fato, a imagem da mulher tem se alterado, mas o ideal de domesticidade ainda permanece. Por isso, as mulheres vêm sofrendo com o estresse nesses últimos anos, visto que a dedicação ao trabalho acontece na mesma intensidade dos homens e, ao final dessa jornada, dedicam-se (e são cobradas a se dedicarem) igualmente ao trabalho doméstico.

Segundo Castells (2008, p.170), a mulher acabou adquirindo não uma dupla e sim uma quádrupla jornada de trabalho (profissional, mãe,

organizadora do lar e esposa), o que explicaria a situação exaustiva na qual vive hoje.

Castells (2008, p.208) ainda complementa afirmando:

Como o trabalho feminino tem sido tradicionalmente considerado como complemento ao salário do marido e como as mulheres ainda são responsáveis pelos trabalhos domésticos e, principalmente, pela criação dos filhos, a flexibilidade em relação ao emprego ajusta-se também a estratégias de sobrevivência, para que possam dar conta desses dois mundos que as colocam com frequência, no limite de um esgotamento nervoso.

O preconceito contra a mulher e a condição de opressão na qual vivia — e muitas ainda vivem — têm uma estreita relação com a cultura patriarcal machista:

O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. Caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Aos relacionamentos interpessoais e, conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm sua origem na cultura e instituições do patriarcalismo. (CASTELLS, 2008, p.169)

No decorrer da história a sociedade vem supervalorizando o modelo masculino em vários aspectos (esportes, trabalho, política) em detrimento do modelo feminino.

Com vistas a tentar quebrar esses paradigmas, nos anos 70 deu-se início a um processo de apontamento das diferenças entre homens e mulheres, indo além dos aspectos físicos e/ou biológicos. Segundo Butler (2010, p.24) a construção do gênero se dá a partir da cultura e não do sexo. Então, demonstra que as diferenças atribuídas a cada sexo estão relacionadas à cultura e a sociedade na qual o ser humano está inserido. O gênero é uma

construção social e histórica, ligada aos países e atributos que as divisões sociais estabelecem para homens e mulheres.

Embora os cientistas sociais se refiram ao gênero como um “fator” ou “dimensão” da análise, ele também é aplicado a pessoas reais como uma “marca” de diferença biológica, linguística e/ou cultural. Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim, esse significado só existe *em relação* a outro significado oposto (BUTLER, 2010, p.28).

A mudança com relação ao constructo a respeito da imagem da mulher na esfera social não depende apenas do que as mulheres são ou desejam ser; trata-se de um reflexo das práticas discursivas feitas a nosso respeito, de como somos representadas. Para Coracini (2007, p.91):

Os valores masculinos estão presentes em nosso inconsciente e emergem das práticas discursivas: se quisermos nos fazer ouvir, é preciso falar alto e grosso, lutar de pé, lançar-se sobre o inimigo, ferrar o outro, expressões que se opõem a falar baixo e docemente, submeter-se, estar ferrado, que caracterizam o modo pelo qual se concebe o sexo fraco idealizado.

Ao examinarmos as práticas sociais no decorrer da história, percebemos que as mulheres sempre assumiram identidades diferentes, criadas de acordo com as ideologias, contextos situacionais e períodos econômicos.

Atualmente, o discurso difundido a respeito da imagem feminina do século XXI é o da imposição do modelo de perfeição. A beleza natural perdeu importância; o valor foi posto na beleza comprada a qualquer custo. Até mesmo a própria vida. A preocupação nos dias de hoje repousa sobre a banalização da sexualidade feminina; a mulher como objeto; a mulher como fruta, pronta a ser devorada a qualquer momento.

Esse jogo da mulher convertida em mulher-fruto teve início na poesia romântica ao abrir espaço à oralidade, ao contrário da poesia árcade que primava pelo visual. Antes a figura feminina restringia-se ao retrato; agora pode ser devorada. E, infelizmente, vem ganhando força cada vez maior em nosso século.

Na poesia romântica brasileira, a mulher mestiça já não é mais “descrita”, “retratada”, “pintada” como se fosse algo para ser visto à distância. Mas se converte de mulher-flor em mulher-fruto e, sobretudo, em mulher-caça, que o homem persegue e devora sexualmente (SANT’ANNA, 1980, p.25).

Não podemos considerar essa concepção como um ganho. Na verdade é um retrocesso.

Apesar das conquistas, a representação da mulher ainda persiste como um ser frágil, inseguro e tímido. A imagem da mulher é de alguém que ocupa o segundo lugar e, que por ser frágil, necessita da proteção do homem para ascender socialmente. Há um conflito visível, posto que, ao mesmo tempo em que a sociedade discursa para que a mulher lute por sua independência e igualdade social, reafirma antigos valores.

Na busca por seu espaço, a mulher tem avançado no campo do trabalho. As estatísticas apontam que no Brasil as mulheres estão conseguindo emprego mais facilmente e que seus rendimentos vêm aumentando, embora ainda sejam bem inferiores ao salário recebido pelos homens. O mercado de trabalho passou por transformações profundas neste último quarto século devido à incorporação das mulheres nesse espaço.

A dignidade que se atribui atualmente ao trabalho fora de casa é uma conquista moderna. Na Idade Média, trabalhar, principalmente com as mãos, era para os servos, o que não trazia honra a ninguém; ao contrário, era considerado uma maldição. Mesmo assim, as mulheres não se esquivavam do papel e ajudavam os homens em diversas atividades, a exemplo da agricultura, da fiação, da tecelagem e das confrarias. A divisão do trabalho entre masculino e feminino já era bem patente desde o século XVIII.

Nos dias atuais, porém a mudança da estrutura do emprego feminino ocorre distintamente. Os setores de prestação de serviços da mulher acontecem nas áreas de controle gerencial, serviço social e pessoal, além dos relacionados à informatização da economia.

Entretanto, como nem tudo são flores, no aspecto salarial, infelizmente ainda persiste a desigualdade. Os homens, no mundo inteiro, percebem salários maiores que as mulheres, ainda que ocupando a mesma função. Segundo pesquisas, os homens chegam a receber salários 30% maiores que as mulheres no Brasil. E a disparidade torna-se ainda pior ao se constatar que as mulheres latino-americanas ganham menos, mesmo que possuam um maior nível de instrução. Nos países avançados as diferenças estão reduzindo.

CONCLUSÃO

A mulher tem ocupado vários espaços na sociedade. Por isso, encontramos famílias chefiadas por mulheres; vereadoras; ministras; presidentes de empresas e países; motoristas de caminhão; juízas; militares. Nossas conquistas ultrapassam os limites impostos pelos homens e por essa mesma sociedade na qual vivemos. Quer dizer, o nosso adentramento em diversas esferas sociais acontece pelo fato de buscarmos hoje a independência, a auto realização e o reconhecimento como seres capazes de executar as mais variadas tarefas.

Como se sabe, a mulher ainda é tida como propriedade. Realmente, devemos lutar para que a igualdade como seres humanos, tão propagada, aconteça em sua plenitude. É inconcebível pensar a mulher de outra forma que não seja companheira do homem.

A verdade é, embora anos depois do lançamento do romance *Cacau* pelo escritor Jorge Amado abordando a problemática da mulher em meio a modernidade, não podemos negar que a situação no mundo contemporâneo ainda assemelha-se à geração passada. Significa dizer que ainda encontramos casos e “personagens” em nossos dias que não se diferenciam das mulheres em *Cacau*.

Muitas mudanças são notórias em relação à situação da mulher. A luta pela liberdade sexual é uma conquista. A nova preocupação hoje é com a inversão dessa liberdade que beira a banalização do corpo e da sexualidade da mulher. É a nova imagem dessa mulher como objeto, cujas formas são modificadas de acordo com os modismos, exigências e estereótipos ditados pela sociedade, ainda com traços machistas. É a beleza comprada a qualquer custo e em qualquer lugar, ainda que em risco esteja a própria integridade física e, por vezes, moral, culminando num fim trágico que chega a ceifar vidas.

Não podemos negar que ainda muitas desigualdades acompanham a mulher. A diferença salarial, a ênfase dada quando ocupamos lugares ditos masculinos, a jornada de trabalho fora e dentro de casa que juntas chegam a ser extenuantes. E ainda, as discriminações e não aceitação da própria mulher que persistem devido a uma parcela de mulheres que querem o reconhecimento não por sua capacidade, independente do sexo, mas por

insistirem em conseguir superar os homens agindo como os homens, numa competição diária.

O mundo, e nós mulheres principalmente, precisamos acreditar que somos aptas a cuidar de nós mesmas, não necessitamos da proteção masculina; somos capazes de estabelecer metas, traçar alvos e conquistá-los; nossa atuação na sociedade pode provocar mudanças profundas no curso da mesma e estender-se à história.

Vale ressaltar que o abismo de diferenças entre homens e mulheres somente se extinguirá a partir da modificação do papel tradicional tanto do homem como da mulher na sociedade e na família. Como isso aconteceria? Através da educação dada aos filhos, mostrando a eles diferenças entre os sexos, mas as igualdades de direitos; a mulher tornando-se agente social, econômico e político ao adentrar nos diversos campos da sociedade, fazendo-se ser ouvida.

Só através dessas transformações que de fato vivenciaremos uma equidade de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ivia. *Interfaces: ensaios críticos sobre escritoras*. Ilhéus: Editus, 2005.

AMADO, Jorge. *Cacau*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade. A era da Informação: economia, sociedade e cultura*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

Data de recebimento: 7 fev. 2012

Data de aprovação: 25 abr. 2012